

DESP (Agricultura)  
9/4/97  
34 E93

# Reunião discute situação da borracha natural

Segmentos envolvidos vão debater como vencer a concorrência externa e melhorar o rendimento

**A** reunião sobre a cadeia produtiva da borracha natural, promovida pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, ocorre hoje, em São Paulo (SP). Todos os segmentos (produtivo, beneficiador e industrial) vão estar representados. A idéia é realizar um diagnóstico sobre o setor, encontrar soluções e preparar documento de consenso para ser discutido com técnicos de órgãos oficiais.

Sabe-se, por exemplo, que o rendimento dos seringais brasileiros é comparável ao das principais regiões produtoras do mundo, como a Malásia, que subsidia a produção. A produtividade média de uma boa lavoura malaia é de 1,2 mil quilos de borracha seca por hectare. Os seringais paulistas, bem gerenciados, rendem cerca de 1,3 mil quilos/hectare. Quem acompanha o setor não desconhece, ainda, que os malaios estão abandonando a cultura, substituindo-a pelo dendê, produto mais lucrativo. É esse espaço vazio deixado pela Malásia que o Brasil tem condições de ocupar, acreditam os especialistas.

**Sangradores** - Para tanto, um problema crônico nos seringais nacionais tem de ser resolvido.

Trata-se do sangrador sem especialização, o qual pode, em prazo de um ou dois anos, destruir mais plantas do que qualquer praga devastadora. Isso porque a sangria no painel (tronco) da árvore é malfeita, tornando difícil a regeneração da casca e até causando a perda da seringueira.

Não há estatísticas sobre esses prejuízos. Mas, para se ter idéia, o custo de formação de uma seringueira, que demora cerca de sete anos para iniciar produção, é de R\$ 12,00. Considerando uma lavoura com 500 árvores, numa área de 1 hectare, são necessários R\$ 6 mil, apenas para formar essa pequena plantação. "É como oferecer um automóvel importado a quem acabou de aprender dirigir", compara o agrônomo Antônio de Noronha Bacchiega, do



Luiz Carlos Lopes/AE - 21/7/93

*Sangria: técnica adequada permite explorar o máximo da lavoura, sem prejuízo da planta*

Escritório de Desenvolvimento Regional (EDR) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em São José do Rio Preto (SP).

**Perigo recente** - "É possível controlar pragas e doenças", diz Bacchiega. "Difícil é encontrar mão-de-obra eficiente", completa. O governo do Estado até que investe em formação de sangradores, por meio de cursos periódicos no interior. Mas a iniciativa tem se mostrado insuficiente. Estima-se que é criada a demanda por um seringueiro a cada lote de 1,5 mil árvores que entra em sangria no Estado de São Paulo. Todos os anos, então, seriam necessários cerca de 600 novos seringueiros, dos quais menos da metade é devidamente treinada.

Pragas e doenças, propriamente ditas, não deixam de ser motivo de dor de cabeça para o produtor. O mais recente perigo é o percevejo-de-renda, vindo de Mato Grosso, onde provocou queda de 30% na produção dos seringais, em 87.

O inseto suga a seiva das folhas, tornando-as esbranquiçadas. A desfolha ocorre fora de época. A ação do percevejo facilita o ataque do fungo *Microcyclus ulei*, causador do mal-das-folhas. O controle biológico deve ser feito com outro fungo, o *Sporotrix insectorum*.

Há cinco anos instalado nas lavouras de São Paulo, o ácaro

*Calacarus heveae* (raspador das folhas) também faz seus estragos, principalmente em janeiro, quando existe muita umidade. A solução para o caso é a pulverização de acaricidas à base de enxofre, no início do ano.

**Pesquisas** - É por causa desses, entre outros entraves, que o Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) mantém um projeto, o Programa Seringueira, para oferecer ao setor produtivo resultados de vários estudos. Segundo o pesquisador do IAC e coordenador do programa, Paulo de Souza Gonçalves, além de fitossanidade existem trabalhos sobre fórmulas de adubação, sistemas de sangria e novos clones de alta produtividade. Está em última fase de avaliação, por exemplo, o clone melhorado IAC-35, cujo rendimento é pelo menos

duas vezes superior ao clone mais plantado em São Paulo, o RRIM-600 (produtividade de 1,1 mil quilos/hectare).

Os pesquisadores do IAC estudam sistemas de sangria, os quais variam conforme o tipo de clone. Uma nova opção, o clone PB-252, já experimentada pelo IAC, estimulado com produto químico (ethrel a 5%), alcançou excelente rendimento de 1,4 mil quilos/hectare, com média de três anos de sangria.

Para isso, foi adotado o sistema conhecido como S/2 d/4 (sangria em meio-espira, aplicado em praticamente todos os seringais do País, a cada quatro dias). Pelo sistema S/2 d/7 (sangria a cada sete dias), o rendimento foi de mil quilos/hectare. O clone RRIM-600 rende 1.450 quilos/hectare (sistema S/2 d/4) e 950 quilos/hectare (sistema S/2 d/7), sob as mesmas condições.

**EXTRAÇÃO  
MAL FEITA  
PODE MATAR  
A ÁRVORE**